

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E O DESAFIO DAS VIOLÊNCIAS: O RETRATO DE DEZ ANOS DA REALIDADE E PESQUISAS MEXICANAS

Adriana Lira

Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professora adjunta da mesma Universidade.
adrianaliraucb@gmail.com

FURLÁN MALAMUD, Alfredo; SPITZER SCHWARTZ, Terry Carol (Coords.). (2013). *Convivencia, disciplina y violencia en las escuelas, 2002-2011*. México, DF: ANUIES, Dirección de Medios Editoriales: Consejo Mexicano de Investigación Educativa.

As violências, sobretudo escolares, parecem não mais impactar com veemência a sociedade. Os fatos parecem cair no esquecimento individual, mesmo que, em seu dia a dia, estes se repitam, fazendo mais vítimas. Por outro lado, há os investigadores que, preocupados com a identidade e o papel da escola, buscam compreender e estabelecer medidas para resolver este problema, relacionado a muitos outros, como bem demonstra o livro em análise.

Assim, as violências, que inicialmente faziam parte apenas das escolas urbanas, hoje também integram a realidade de escolas da periferia e também de áreas rurais, como podemos ver na obra em tela. Deste modo, as violências escolares tornaram-se, ao longo dos anos, um desafio, em menor ou maior grau, nos mais diferentes lugares do mundo, com implicações graves para toda a comunidade escolar. Tal desafio coloca em evidência a função do docente a quem geralmente se atribui a responsabilidade de administrar, em face das diversidades, os reptos do cotidiano escolar a fim de se garantir a democracia e os direitos humanos, entre eles o direito à educação.

Contudo, o que se nota é que este intento nem sempre é alcançado, visto a resistência da escola para o reconhecimento dos excessos dos seus dispositivos disciplinares (não raro geradores de efeitos contrários) e do despreparo do corpo docente. Diante desta fragilidade, a escola e o professor, quando não ignoram os fatos, tendem a atribuir aos estudantes parte das suas dificuldades. Em consequência



disso, o contexto escolar é marcado por cenários de profunda crise, com prejuízo para os alunos, docentes, auxiliares, corpo diretivo e sociedade. Assim, a instituição escolar tem o seu papel questionado pela sociedade.

Diante deste quadro, a Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior (ANUIES), com a colaboração do Consejo Mexicano de Investigación Educativa (COMIE), não mede esforços para levar a cabo o objetivo de impulsionar e promover atividades e iniciativas a fim de fortalecer os trabalhos dos investigadores mexicanos acerca das violências escolares, visto que estas têm ocupado um lugar crescente na agenda política e na investigação educativa. Disto é reflexo o excelente balanço de uma década de pesquisas no México. A referida coletânea constitui parte da Colección Estados del Conocimiento, que oferece uma visão de conjunto dos últimos dez anos de pesquisas sobre temas cadentes para o país. Os trabalhos passaram pelo crivo de avaliação de uma comissão representada por 17 áreas, responsáveis por eleger a temática das violências escolares não como um problema novo, mas como uma dificuldade que ocupou maior atenção dos investigadores mexicanos no período de 2002 a 2011, quando aumentou expressivamente o número de artigos divulgados em revistas científicas e congressos. O intuito de reuni-los é registrar e, por meio de apontamentos críticos, fortalecer as discussões para favorecer a elaboração de políticas públicas, tendo em vista o reconhecimento do papel da escola na construção de uma sociedade mais justa.

A obra, coordenada pelos doutores Alfredo Furlán Malamud, da Universidad Nacional Autónoma de México, e Terry Carol Spitzer Schwartz, da Universidad Autónoma Chapingo, dois notórios acadêmicos, reúne 11 capítulos, a oferecer ao leitor, a partir de diversos ângulos, retratos da realidade mexicana no período de dez anos, servindo, portanto, para avaliar o que tem sido feito e o que falta fazer. Entretanto, o conjunto de autores, acadêmicos de distintos Estados mexicanos, alerta para os perigos dos estudos comparativos, tendo em vista a realidade particular de determinada nação, que não pode ser descartada e abordada sem nela imergir com a profundidade que se exige.

Cumprir lembrar que, em se tratando de uma obra extensa, não desmerecendo nenhum dos capítulos, optou-se por um comentário geral acerca do eixo central da obra, cuja publicação, sem dúvida, não só fortalece as suas redes de colaboração, mas, sobretudo, difunde os resultados a públicos diversos. Os seis primeiros capítulos alertam para o risco do estabelecimento de uma relação direta entre as violências, a



indisciplina e a convivência escolar, tendo em vista que cada um destes conceitos possui caráter próprio, sem uma relação de subordinação entre eles. Há de se considerar que cada um destes elementos se refere a um conjunto particular de fatos a envolver, até certo ponto, escolhas subjetivas do investigador. No entanto, certifica-se ser esta prática usual nos trabalhos mais recentes, na tentativa de encontrar soluções para o problema das violências. Todavia, como assinalam os capítulos iniciais, a relação entre esses elementos não é necessariamente direta. É preciso ponderar que cada um desses conceitos trata de conceitos em um campo de conhecimento ainda em construção.

Deste modo, apesar das mais variadas contribuições, verificam-se fortes controvérsias, como atestado pelo panorama internacional, objeto do capítulo inicial. Ademais, há de se considerar as evidências de pesquisas sobre as violências escolares no âmbito anglo-saxão, influenciadas de conceitos carregados de negatividade, como o *bullying* e a tolerância zero. Neste primeiro capítulo, são destacados alguns expoentes da literatura internacional, todos importantes na trajetória de estudos acerca das violências escolares, por promoverem um sólido e denso debate de aspectos imbricados desta problemática.

Em linhas gerais, o conjunto contribui para a reflexão crítica acerca da ideia utópica criada em torno da cultura de paz, bandeira política de escolas e outros órgãos, como ocorre não apenas no México, visto que o que se busca é a superação contínua dos conflitos e manifestações de violências por meio do aprender a conviver, com o indispensável reconhecimento de direitos e deveres. Daí então, o destaque na obra à convivência escolar, conforme o capítulo dois, de Ma. Cecilia Fierro Evans, líder da Red Latinoamericana de Convivencia Escolar, Adela Lizardi, Guillermo Tapia e Maricela Juárez. Esta temática é apontada como emergente na investigação educativa do México devido à falta de um enfoque bem estabelecido de um *corpus* de conceitos e categorias analíticas que contribuam para a sua compreensão. Além disto, os referidos autores criticam a discussão em âmbito mexicano por tratar da convivência escolar como um dispositivo apenas para prevenir e deter a indisciplina e a violência, mas esta se mostra como campo muito mais complexo, visto que o aprender a conviver deve ser um processo diário, o que não implica a ausência de conflitos nas relações humanas. Aliás, estes (os conflitos) são importantes num ambiente democrático de aprendizagem para o reconhecimento de valores e da diversidade. No entanto, para se conseguir promover uma convivência entre diferentes tanto no que se refere às relações entre os alunos quanto na relação destes com os adultos, o



diagnóstico do clima escolar é medida essencial para dar voz a todos os envolvidos no processo educativo, a fim de melhor encaminhar as situações que afetam a convivência escolar.

Sendo eixo central da obra as violências escolares, estas são desdobradas em aspectos como a (in)disciplina, a convivência, o *bullying*, a violência de gênero, a violência sexual, a discriminação sob múltiplas perspectivas, o narcotráfico, o uso das novas tecnologias, aspectos que, ignorados, funcionam como promotores de violências, com efeitos para a relação entre os atores escolares. Portanto, apresentam implicações diretas à escola e à formação docente, tendo em vista o seu papel diante de desafios ainda maiores na contemporaneidade, para a construção de uma sociedade mais humana. Nesse sentido, o livro patenteia avanços significativos no campo científico acerca das violências. Todavia, a eficácia destes é colocada em xeque, já que elas continuam a ocorrer de forma cada vez mais em escolas mexicanas e do mundo.

Partindo da proposta de reflexão, nos é feita a seguinte indagação: “o que há que se fazer hoje para que as instituições educativas estejam à altura de suas metas?” (p. 24). “Como fomentar a resiliência no território escolar?” (p. 30). Tais questionamentos sugerem ser possível a escola reverter o seu quadro de violências. Este objetivo é favorecido não só pela consolidação de dez anos de pesquisa, como também por chamar a atenção para dois elementos essenciais e urgentes de superação: repensar a escola e a formação docente.

Ao mesmo tempo, se apontam as lacunas no campo científico como possibilidades de aprofundamento, especialmente as que envolvem diferentes atores mediante distintos enfoques que contemplem as subjetividades. Acerca disso, assinala-se a necessidade de indagação dos adultos, agressores e vítimas, os maus-tratos e a perseguição na relação professor-aluno, o sexismo na prática dos adultos (muitas vezes internalizado pelos alunos), a violência entre docentes, a homofobia em contextos escolares, o consumo de drogas lícitas ou ilícitas por parte dos professores, equipe diretiva, pessoal administrativo e pais, além das violências entre os últimos e o pessoal escolar, tendo em vista que todos são relevantes na problemática da violências. Porém, a escola insiste em encarar o desafio como um problema circunscrito ao seu alunado. No que se refere aos tipos de pesquisa mais realizados neste campo das violências escolares, observa-se o predomínio de estudos



qualitativos, por permitirem a combinação de variadas técnicas e estratégias, justificadas pela subjetividade que a temática envolve.

No que concerne ao narcotráfico, o consumo e o abuso de drogas apresentam-se como elementos cruciais no processo de superação das violências em âmbito escolar, como se constata nos capítulos de María Azucena Ramos e Ricardo Vázquez Valls, ambos da Universidad de Guadalajara. Os autores alertam para o fato de o consumo de substâncias lícitas ou ilícitas cada vez mais cedo fazer parte da realidade dos jovens. Tais substâncias podem funcionar como mola propulsora para a prática de variadas formas de violência entre os indivíduos no espaço escolar e/ou fora dele para a prática de vandalismo, merecendo, portanto, a atenção redobrada dos adultos. Por sua vez, o consumo de drogas lícitas, como o álcool, também merece atenção, não apenas por comprometer a segurança dos indivíduos, mas porque, sendo igualmente perigosas, podem levar ao uso das drogas ilícitas. Não obstante, esta questão conduz à necessidade de maior conhecimento dos adultos, visto serem substâncias responsáveis por alterarem as relações entre os indivíduos e afetarem o desempenho acadêmico, como observado nas manifestações de violências entre alunos, assim como entre estes e os professores. Neste mesmo capítulo, bem como em outros, destaca-se a pedagogia do exemplo, sobretudo para crianças e adolescentes, os quais precisam observar nos adultos a coerência entre o discurso e a prática. Desta forma, muito diferente do que se tem observado na literatura sobre as violências escolares, os professores são igualmente vítimas, mas também agentes dela. Frisa-se a necessidade de um trabalho de prevenção não apenas na idade crítica da adolescência, porém ainda na infância, pela urgência de se tratar destes temas na formação de educadores. Estes necessitam ser preparados para detecção de possíveis casos, para, juntamente com a família, desenvolver seu trabalho. Nesta linha, o referido capítulo faz referência à escalada das violências, sentida com mais intensidade nos últimos anos na educação básica, embora também ocorra na educação superior, tomando de surpresa os educadores e a comunidade educativa, além das autoridades como um todo.

Em resumo, as linhas e entrelinhas de cada capítulo demonstram que ignorar as práticas cotidianas de violências contribui para a não permanência do jovem na escola. Tal implicação é também favorecida pela escassez de mecanismos institucionais para fazer face às violências escolares, os quais se somam à não observação dos efeitos das tecnologias da informação e comunicação sobre a população infantil e juvenil, expondo-a, pois, a situações de vulnerabilidade em sua



convivência escolar. Assim, uma vez ignoradas, as tecnologias da informação e comunicação podem tornar-se um veículo facilitador das violências entre as pessoas. Acrescenta-se a isso, a não alfabetização digital de pais e adultos, o que dificulta o acompanhamento dos filhos.

O alentado livro é finalizado com o capítulo de Úrsula Zurita Vieira, da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (sede do México), que se dedicou a apresentar ao leitor as políticas públicas, os programas, as ações e a legislação no âmbito do México no decênio em questão. Suas observações convergem para evidenciar que, embora importantes, estes mecanismos se mostram frágeis e insuficientes para a realidade atual, por estarem centrados no governo, nas autoridades do sistema educativo, sem incluir outros setores, cuja relevância não é menor. Dado que as violências escolares são responsabilidade de múltiplos atores, as mesmas devem ser do interesse de outras áreas do conhecimento, como o Direito, a ciência política, a administração e a gestão públicas, sobretudo no que tange à educação básica, já que, até aqui, maior atenção tem sido dada à educação superior. Desembocam neste capítulo final ideias dos capítulos anteriores, onde se pretende mostrar que a superação das violências escolares requer a organização e a operacionalização de iniciativas mais integradas e coordenadas.

Em linhas gerais, trata-se de uma obra com linguagem relativamente de fácil compreensão, importante não só para investigadores, mas também para estudantes da área de educação em geral, especialmente de pós-graduação, professores e diretores escolares, por exercerem um papel fundamental no seguimento das políticas públicas. No entanto, estudantes de graduação, que também estão convidados a lê-la, podem considerá-la complexa, visto que não raro a linguagem acadêmica lhes é ainda hermética (nesta situação possivelmente também se situam muitos decisores de políticas públicas, apresentando-se o repto de traduzir-lhes o “academês”). Deste modo, o leitor é incentivado a participar de uma reflexão crítica mais aprofundada a envolver teorias e práticas, bem como rumos para a pesquisa presente e futura. Cabe enfatizar que o volume destaca estrategicamente a formação do educador como elemento central para lidar com os conflitos no cenário escolar. Afora isso e da sua visão panorâmica, estabelece relações com o meio internacional, esclarecendo aspectos abordados fora do país, incluindo pesquisadores e os tipos de pesquisa mais praticados. Permite-nos, pois, não apenas uma visualização de retratos da realidade mexicana, como também sugere aspectos carentes de maior aprofundamento. A prevenção, tratamento e superação das violências escolares apresentam-se como



linhas pouco exploradas. Importante ainda frisar que a súmula dos capítulos converge para a ideia de a instituição escolar ser também, ao menos em parte, responsável pelo quadro desolador de violências que acontecem dentro dela.

Assim sendo, a elaboração de uma coleção e de um livro como estes constitui um aporte documental precioso, a oferecer contributos com o fim de assegurar melhores resultados ao processo diário de prevenção e superação das violências no contexto escolar. Muito enfaticamente, coordenadores, autores e coautores da obra demonstram que as experiências acumuladas, sejam da realidade daquele país latino-americano, sejam de outros países, não podem ser ignoradas. Sob este particular,  notrio que a pesquisa sobre o México tem raízes numa realidade específica, afetada em parte pela vizinhança de uma das maiores, senão a maior população consumidora de drogas do mundo. Mantidos os matizes inerentes a essa realidade, fica claro que o tema ultrapassa fronteiras e, desse modo, precisa unir-se às luzes da pesquisa elaborada por outros países.

Se a América Latina é uma região com identidade comum, a partir de questões comuns, com certeza é preciso o intercâmbio de conhecimentos. Aquilo que transcende realidades particulares, certamente precisa do conhecimento mútuo. Em face de Portugal e Espanha, laços intelectuais se têm aprofundado. O mesmo nem sempre se aplica ao continente ao sul do rio Grande, que separa México e Estados Unidos. O que ultrapassa o específico – e muitas vezes o próprio específico – interessa-nos num mundo interdependente e global. No âmbito ibero-americano, não podemos ser nem países separados pelo oceano, nem pelas diferenças entre as línguas portuguesa e espanhola. Não é raro que se chegue a um encontro de países da Pensula e da América Latina e nos demos conta do quanto somos parecidos e fazemos face a problemas comuns. Troca, conhecimento mútuo, parcerias são um meio de nos enriquecermos, já que a singularidade  empobrecedora. Fica, pois, na obra resenhada, o exemplo de um exímio exercício, capaz de tornar mais promissor o nosso amanhã, enquanto os colegas mexicanos deixam aos leitores a marca de forte otimismo na aposta de superação das violências escolares.